

O ESPOZENDENSE

Senario republicano, independente, defensor dos interesses deste concelho

Este n.º foi visado pela censur

Director, adm e propriet — José da Silva Vieira. — Redactor no Brazil: A. Eiras. — Editor — José da Silva Vieira Junior. Comp. e impressão. — Typ. Espozendense — Espozende

Assinatura: Annu, sem esta n.º 10\$00 esc. — Com esta n.º para fóra 12\$00 e c. — Brasil, (Moeda forte), 30\$000 rs. — Colonias Portuguezas, 25\$000 rs. — Na nero atrasado 1\$00 — Pagamento adiantado. Redacção e administração — Rua Veiga Belrão, 7 a 9 — Espozende.

Anuncios: Judiciaes: linha ou esp. de linha 1\$00 cent. — Anuncios particulares: linha \$70 Comum. ou reclames, linha \$50 c. Imposto do selo, cada publicação, 15 c. — Reclames e obras literarias mediante dois exemplares. Não se restituem originaes não publicados.

* * DECANO DOS JORNAIS DO DISTRITO DE BRAGA * *

Depois do Carnaval

E' da praxe os articulistas fulminarem com tremendas verriñas, o galhofeiro Momo, depois, da epoca folgazã dedicada aos ridiculos divertimentos carnavalescos e crivarem de improprios o arcaico uso, introduzido na moderna civilisação.

Esgotam-se os adjectivos insultuosos, colecionam-se as frases injurias, lavram-se infamantes sentenças de morte, sem respeito pelos cabelos brancos que devem rarear na sua desmiolada cabeça.

Velho insano, decrepito pela antiguidade, o Carnaval tem sido escarnecido pelos proprios adeptos a quem afunda com loucos esgares, no goso mirabolante da folia.

Investigadores pacientes resumando odio, afirmam que o seu abominavel nascimento teve origem no desvairo das saturnais pagas da antiga Roma, atirando-lhe sobre os hombros combalidos a responsabilidade de um passado orgiaco de intrigas amorosas, a-par dos crimes hediondos da libertinagem.

Mas, intrepido o Carnaval, esfusante de graça ou insipidamente banal, tem resistido a-travez do tempo e da depreciativa condenação dos puritanos, que ha muitos seculos, o combatem ferozmente.

Homens illustres de reconhecido criterio e proficiente saber, pretenderam aniquillar, por completo, o seu poderio, servindo-se de eloquentes e primorosas canetas; outros, oradores de fulgurante brilho, julgavam banir, para sempre, o importnuo, esmagando-o ao peso dos argumentos, que, do alto das tribunas, feriam como laminas afiadas.

Agostinho, bispo de Hipona, inteligente e culto, anatematisou o Entrudo, como desmoralizador de todas as clases sociais.

Clemente, da Alexandria, grande erudito, detestava-o. Fez-lhe guerra sem tregua, não lo-

grando exterminar tam irreverente e audacioso inimigo.

Tuteliano estilista sem rival, naquela epoca, cançou o cerebro a demonstrar as vantagens imperativas de amordaçar o monstro, condenado pelos moralistas.

No entanto, o Carnaval, opulento ou esfarrapado, tem resistido aos mais irados combates e foi tam forte o seu poderio que nem as «decretais» do papa Innocencio III derrotaram tam nefasto dominio.

Sobreviveu aos inclitos sabios, transgrediu os dogmas, resistiu aos preceitos, triunfou das doutrinas e chegou até aos nossos dias, de apregoada civilisação, adornado de caracteristicos defeitos e desenfreada perversidade.

Em Portugal tambem muito se tem dito e escrito sobre o palpitante tema do sujo, roto, desprezivel e nocivo Entrudo.

Não ha pena «permanente», que o abata; oratoria inflamada que o queime; energica imprensa que o derrube.

E' inutil gastar tinta para combater este soberano flagelo da moral, que no sabado, domingo gordo, segunda e terça feira, passada, envolveu os seus fervorosos vassallos, na vertigem dos bailes e dos teatros, numa colectiva doidice de emmaranhada e fragil cadeia de serpentinas berrantes, e profusão de «confetis» multicores.

Assim, é forçoso reconhecer pelo raciocinio exposto, que, o Carnaval nasceu com o genero humano, faz parte integrante do seu ser, é fisiologicamente indispensavel ao riso, e só findará, quando o mundo perder os seus movimentos, calcinado pelo fogo implacavel e purificador, anunciado pelas profecias.

DANILO.

Joel de Magalhães

MEDICO

Em Espozende das 9 ás 12.
e em Fão das 14 ás 15
e meia horas

ESPOZENDE HA CINCOENTA ANOS

NOTAS A LAPIS

(Continuação do numero 1.435)

AS TRADIÇÕES

As vestes pomposas do sacerdocio, as alfaias ricas do culto, as joias das santas imagens, os oragos e as promessas; os ex-votos suspensos dos muros dos templos e capélas; as superstições; amulêtos, bentinhos, reliquias, escapularios e medalhas, são:—as dadas da paz exyptias; os jejuns e mortificações dos faquires indianos; os moinhos chinezes de orações; as oferendas recebidas pelos padres e sacerdotisas no encadear dos seculos e depositas nos altares dos incontaveis deuses que a grande Roma, em maior quinhão, recebêra dos povos conquistados pelas suas férreas hostes.

O mesmo fogo aceso e abençoado pelo sacerdote, ao iniciar as cerimoniaes da Aleluia, realisa a adoração dos primeiros homens ao elemento purificador e vinda a-travez da «Biblia» aos christãos, como bem acolhida pela Potestade.

Ainda as «Boas-festas» no Natal; os ovos tingidos na Pascoa; as amendoas nos batisados; o trigo, arroz e vinho derramados sobre os nubentes; as honras funebres e as prendas aos civis e ecclesiasticos de alta estirpe e maior vanglória:—continuam no presente, mais ou menos modificados pelo correr dos tempos, as celebrações e oblatas dos idos seculos.

As feiticeiras, os advinhos e ledôres do futuro, são—os magos da Persia e Egypto; as pythonisas do oraculo de Delphos; os augures e aruspices do Latium, chegados ate nós e, ali à mão de semear, entocados no esconso duma das nossas negras viélas, ou em qualquer palheiro das freguezias limitrofes—a pescar a ingenuidade dos pacóvios e até a prosopopêa dos doutos...

O pouco limpo e mais anti-égienico costume, principalmente dos nossos aldeões em frater-

no ajuntamento numa taberna, de passar de boca-em-boca a mesma caneca do rascante, é antiquissimo habito Judeu, preceito mesmo da «THORA» e como literalmente traduzo de J. et J. Tharaud, na sua «L' Ombre de La Croix»:—«Santo Sabado! dizem ao entrar. O dono da casa ergue na mão direita um copo cheio de vinho, pronuncia o Kiddousch que santifica a festa, leva o copo aos lbios, o esvasia um pouco mais de metade, fa-lo circular pelos que o cercam e cada um bebe por sua vez a embriaguez de Israël, a imensa alegria de viver, de respirar ainda após tantos seculos de provações!»

(Continúa)

Luiz Viana.

CONTORNANDO A LITERATURA

VIII

O Teatro Nacional

A par do teatro classico, a-parece o teatro nacional portugês, criado por Gil Vicente. Até ao fim do século XV não houve teatro nacional, ou antes as representações limitavam-se a momos. Em 1502 deu-se um facto importantissimo para a Historia de Portugal e que profundamente impressionou o povo portugês: o nascimento do principe herdeiro D. João, filho de D. Manuel. O povo levou até ao Paço as suas manifestações de regozijo pela boca de Gil Vicente, que no terceiro dia depois do nascimento do principe, no proprio quarto da rainha doente, representou o «Monologo do Vaqueiro» ou tambem vulgarmente chamado o «Auto da Visitação». Este auto foi apreciadissimo e a rainha passado pouco tempo, pediu ao autor que isto mesmo lhe representasse ás matinas do Natal, endereçado ao nascimento do «Redentor»; e porque a substancia era muito desviada, em lugar do «auto», fez Gil Vicente o seu «Auto pastoril Castelhana», não menos estimado.

Estava portanto criado um teatro portugês, que segundo opiniões do nosso maior respei-

to, tinha sido talvez orientado pela influencia de Juan del Encina.

Espozende—1936.

Domingos Gomes

O tabaco

Este assunto de que hoje nos vamos ocupar, não é um assunto vago, é ele tratado quasi diariamente na imprensa diaria do nosso paiz, especialmente nas revistas de medicina, que se referem frequentemente aos graves prejuizos que o uso do tabaco traz á humanidade.

Eu já fui acionista sem devendo da Companhia dos tabacos. Concorri para o florescimento desse potentado com a minha despesa de 60 reis diarios durante uns 15 anos.

Os cigarros, que preferia, eram os «Estrela», não desprezando tambem os «galégos», que então abundavam em Portugal por contrabando.

Mas essa necessidade convencional, que tanto me deliciava, tambem me dera bastantes contrariedades.

Quando eu com todo o garbo e diplomacia desembrulhava, e tornava a embrulhar o meu cigarro, não era raro encontrar dentro dele uns ingredientes, como taxas, migalhas de pão, cabelos de fadas, pelos de Adão, moscas, etc, etc, que só serviam para me arrelhar.

Tambem nas horas matutinas, em que eu despreocupado, sem preocupações pelo futuro, atravessava as ruas de aldeias, vilas e cidades, encontrava homens, mulheres e rapazes, todos andrajosos, que de saquitolas na mão, as enchiam de pontas de cigarros e charutos que encontravam na via publica, isso me dava que scismar.

Mas o que mais me custava era ter de dar o tição de minha chaminé acêsa a algum cidadão, que se encontrava comigo com a dele apagada.

A demora de alguns minutos de espera para a realisação de algum sonho em que então tinha o meu pensamento, era para mim a maior das contrariedades.

Pela altura dos meus 27 anos, era eu um dos mais fervorosos palradores contra o uso do tabaco, em todas as palestras onde me encontrasse. Mas eu fumava.

Eu era a contradição: proibia e advogava o que fazia.

Foram três os assaltos ao Capitolio.

O primeiro foi uma tentativa infrutifera de dominar o imperioso vicio pela diminuição progressiva do uso do tabaco.

Para o segundo utilizei-me dum cachimbo que trazia sempre cheio de tabaco, apagado, fingindo de acionista sem lucros da Companhia que não fornece lumes de pau.

O terceiro foi o que devia ter feito logo a principio e o que todo o fumista pode tentar com certeza de exito—a resolução firme, energica e inabalavel de nunca mais fumar.

O primeiro dia foi um sacrificio.

O segundo, um tormento.

O terceiro, um desespero.

O quarto a mesma tendencia do terceiro, á excepção do fim do dia, em que já havia uma diminuição do insofrido desejo de fumar.

Quinto e sexto, depressão sucessiva de appetite do vencido vicio.

Setimo, a ausencia quasi completa da lembrança do cigarro, só umas reminiscencias duma coisa que me faltava e que só depois de reflectir é que conhecia que era a falta de fumar.

Hoje, só bem digo a resolução desse tempo em que não precisava, exemplo que actualmente devia ser seguido por todos que acharem que não é boa uma necessidade que não é precisa.

MORAL: o homem que tem uma alma que é sublime, deve vencer a materia que é despresivel.

Espozende, 16 de Janeiro de 1936.

S. V.

CARTA

Snr. Redactor.

Mais um pouco de paciencia e continuemos a malhar em ferro frio: tanto havemos de teimar que alguma cousa se ha-de conseguir.

Apesar do nosso pedido ao Senhor Administrador do concelho, na segunda feira, dia 24, os mendigos apresentaram-se na sua maxima força e foram, todos juntos, assim com certo ar de quem manda, bater ás portas do costume.

Deram-lhe esmola? não deram? ignoramos.

O que sabemos é que, como acima dizemos, estamos a malhar em ferro frio e isto assim não tem razão de ser.

Ora vejamos. Ha muito tempo que o Estado Novo, distribue uns milhares de escudos, por intermedio de diversos particulares, e nem quem os recebe sabe donde vem o dinheiro nem o illustre publico sabe quem recebe.

E' preciso saber-se que esse dinheiro é distribuido por conta do Estado Novo e por interme-

dio das suas muitas associações de beneficencia. Não é nem A... nem B... nem C. quem dá esse dinheiro.

A. B. e C é que o distribuem como querem.

Precisa saber-se quem é que o recebe—nomes e importancia—.

E o que dizemos desses milhares de escudos que vinham para o concelho dizemos tambem para o «auxilio aos pobres de inverno».

Os beneficiados não sabem quem lhes dá esse dinheiro, e nós que aturamos diariamente a maior parte dos pobres do concelho, precisamos saber quem são os que recebem. Todos os mezes deveriam, ser publicados os nomes dos beneficiados, para que se não dê o caso de uns, os desavergonhados, comerem tudo e os envergonhados ficarem com a sua costumada fome.

Em Espozende, em Fão, onde chegam esses pobres 100 escudos diarios, é preciso que se saiba quem os recebe, porque os contemplados, negam sistematicamente para poderem receber dos outros.

Não ha direito. Parece-nos que em Espozende os discipulos de Cristo são em numero infinito e mais um.

Cristo dizia, faz bem e não olhes a quem: que a sua mão direita não saiba o que faz a esquerda.

Pois não está certo no caso a que nos referimos. Saiba-se quem recebe e emende-se a mão se a distribuição é mal feita, mas é indispensavel a publicação da lista e fazer saber aos pobres donde lhe vem o auxilio.

Mas ha peor ainda. Se os pobres continuam a bater ás portas é porque lhes dão esmola.

Parece-nos que fazer ostentação da caridade, ver á sua porta uma fila interminavel de andrajosos, é muito triste.

Mas mais triste ainda é a gente lembrar-se que são os mesmos pobres que vão bater ás portas do costume, que recebem em todos os cantos e no fim vão ao caldinho e á bróa do ultimo subsidio do Estado, para os pobres de inverno.

Concordamos que cada um tem o direito de fazer do que é seu o que muito bem lhe aprouver, mas não seria melhor juntar esse dinheiro, entrega-lo a qualquer pessoa idonea que fizesse a distribuição, publicando semanalmente, quizenalmente ou mensalmente os nomes dos pobres a quem a esmola foi dada?

Se todos quizessem enveredar por este caminho; «Um Espozendense» que subscreve estas ligeiras considerações põe á disposição da autoridade vinte es-

culos por mez, muito mais do que dava á sua porta.

Querem os outros anaipar? Aqui fica o pedido. Caso afirmativo a mendicidade nas ruas acabaria: no caso negativo, tem a palavra o senhor administrador do concelho e tem de verificar se não ha quem leve o pão para engordar cevados, se o caldo é intragavel, como ha quem o diga.

Meter tudo nos eixos, fornecedores e beneficiados, e fazer cumprir religiosamente tudo quanto diga respeito á pobreza, não dizemos já á *professional*, mas principalmente á envergonhada, que é ainda mais digna do nosso auxilio do que a outra, e o que desejamos.

Um Espozendense.

A Imprensa Concelhia

«O Espozendense»

(continuação do n.º 1368)

Nessa altura o jornal atacava o então juiz de Direito desta comarca, dr. Queiroz Ribeiro e Alberto Madureira, administrador do concelho, que faziam monopolios dos anuncios judiciais, publicando-os em um jornal que distribuiam, cuja impressão era feita em Viana do Castelo e onde se faziam afirmações não muito justas e correctas aos iriñãos Vilas-Boas.

Estas contendas desgostaram imenso estes e houveram por bem suspender o jornal. Nessa altura todo o material pertencia a Silva Vieira, excepto o prélo que havia sido comprado á primitiva Empreza da «Aurora do Lima» em Viana do Castelo, com dinheiro da sociedade primitiva do «Espozendense», e que tinha passado para os segundos proprietarios.

O prélo foi vendido mas não nos recordamos a quem.

Em virtude desta suspensão um pouco confusa e um tanto desanimadora, o proprietario do material tipografico resolveu retirar d'aí tudo para uma casa da rua do Arco onde vivia, e ali estabeleceu-se outra vez, a tipografia servindo-se do antigo prélo de pau que havia sido por assim dizer o fundador da imprensa em Espozende, e continuou a publicar-se semanalmente sob a direcção de Silva Vieira com grande espanto de toda a vila que se persuadia que só os bachareis tinham o arrojo de saber dirigir os ditames da consciencia e falar em letra redonda ao povo rude mas bom deste concelho.

E assim continuou «O Espozendense», por alguns anos naquele local até que após a sua montagem, adquiriu em Vila No-

va de Famicão um prélo de ferro, comprado á tipografia «Minerva» de Manoel Pinto de Sousa & Irmão, com que começou com mais desafogo e melhor impressão, a fazer não só o serviço do jornal mas romendagem que fazia pasmar tipografias de grande escala em material.

Nessa altura existia nesta vila o «Progresso», com tipografia propria, propriedade de uma sociedade constituída pelo antigo reitor das Marinhas, P.^o Manuel Martins Giesteira, João de Freitas, estando a cargo a direcção de Alvaro de Vilas Boas Pinheiro, durando aproximadamente um ano, terminando por falta de capital para ocorrer ás despesas a fazer com a sua publicação.

Esse material havia sido comprado em Barcelos e pertencia á «Aurora do Cávado» semanário daquela vila, de que era patrono o muito inteligente sr. Dr. Rodrigo Augusto Cerqueira Veloso, distincto jurisconsulto e um grande bibliófilo.

Esse material, prélo, tipos e todos os utensilios foram adquiridos pela redacção do «Espozendense», onde hoje ainda se encontra o prélo de fabrico nacional, fundição de Massarelos, Porto, e vendido o outro para Anadia para um jornal que se formou na Bairrada.

Iamo-nos esquecendo de frisar a origem do prélo de pau que trouxemos de Barcelos.

Esse prélo compramo-lo ao sr. Joaquim Valongo, em Barcelos, que era de seu pai António Valongo, e o havia adquirido ha muitos anos na tipografia do «Comercio do Porto», pois dizia o sr. Valongo que fôra o primeiro prélo que imprimiu os primeiros numeros do grande diario, hoje o mais velho de Portugal e o mais acreditado.

Era todo construido de madeira de castanho, do qual ainda conservamos o fuso de aperto feito de oliveira. Este Valongo era livreiro e tinha a sua residencia e officina na Travessa que da Praça D. Pedro V. dá para a rua D. Antonio Barroso, casa que foi demolida e construida de novo e hoje occupada com ramo de comercio diferente do daquela época.

Dahi foi a tipografia mudada em 10 de Janeiro de 1900 para o prédio do proprietario na rua 1.^o de Dezembro, onde actualmente se encontra e em 1908, foi adquirida uma maquina de pedal que imprime 32 de alto por 44 de comprido, onde tem sido impresso «O Espozendense» e o é agora.

Em 1910, por ocasião da proclamação da Republica em Portugal, os republicanos de Espozende, de que era chefe o Dr. João Caetano da Fonseca Lima,

quizeram que o «Espozendense» mudasse o seu titulo, imprimindo-se em sua substituição um outro. Não concordamos, mas preferiamos antes a sua suspensão para dar lugar ao que eles queriam começando então a publica-se «A Verdade» que tinha como redactor-principal o referido chefe local Dr. Fonseca Lima e como seus ajudantes na colaboração, contava o sr. Dr. Eduardo Mota, advogado, notario e chefe do Registo Civil desta vila, José Augusto d'Almeida Abreu como noticiaria, Manuel Boaventura e outros que desempenhavam vários cargos no jornal.

Este jornal que tambem era semanal publicou-se desde 1910, a 1911, (desde 24 de Novembro de 1910 a 1 de Junho de 1911), publicando-se 28 numeros, data em que suspendeu por falta de escritos para a tiragem do mes-no, os quais no principio eram abundantes e passados tempos todos alegaram desculpas, dando em resultado ter que terminar de comum accordo com o redactor-chefe, voltando a publicar-se «O Espozendense» debaixo da direcção do antigo director que o tem sustentado até hoje com muito sacrificio pecuniário e falta de grande tiragem.

Por este jornal tem passado muitos dos nossos mais versados homens nas letras, tanto dos antigos como dos modernos, sendo um grande repositório de elementos para a história desta vila e concelho que nele encontra arquivado grande numero de conhecimentos para a sua história.

«O Espozendense» está no 48 ano de publicação e conta chegar ao meio século, não porque os méritos do seu director o façam realçar, mas devido ao amor e tenacidade que temos dispendido para o sustentar.

Não deve o jornal a nenhum dos partidos que tem havido neste paiz a menor parcela de auxilio e muito menos á situação actual, na qual nos integramos por uma grande afeição aos homens da ditadura, que são o exemplo da lealdade e honestidade de bem servir a pátria e esta terra que precisa de florescer e engrandecer o torrão que a natureza abençoou com toda a galhardia, formosura e encanto.

E, se Deus nos conservar a vida, faremos como até aqui, pugando sempre sem receio por tudo que possa engrandecer esta terra que tanto amamos e onde passamos quasi toda a nossa existencia, onde constituimos familia, e onde queremos findar os nossos ultimos dias apesar de sermos mal comprehendidos muitas vezes por caracteres que tudo

malsinam para fins bem visiveis e palpaveis.

E terminando, diremos como o grande e incomparavel restaurador das finanças portuguezas, o hercules admirado por todas as nações, que se chama António d'Oliveira Salazar:

Tudo por Espozende e seu concelho. Nada contra ele.

J. S. V.

Falecimento

No ultimo domingo faleceu nesta vila, o sr. Manoel Gonçalves Palmeira, viuvo de 77 anos de idade, morador na rua Barão de Espozende, vitima de uma doença crónica de que ha muito soffria.

O seu funeral realisou-se na segunda feira depois dos suffragios na nossa matriz por sua alma.

O cadaver foi levado na carreta dos nossos Bombeiros, com uma assistencia de pessoas amigas do morto e sua familia.

Que descanse em paz e o nosso cartão de pezames a todos os enlutados.

O Carnaval

Passou quasi despercebido o carnaval este ano.

Nas ruas não brilhou e nos bailes foi detestavel.

Obras na barra

Já se começou a levantar a pedra dos molhes desfeitos pelo mar na embucadura da nossa barra.

Trabalham ali já alguns artistas nestes serviços.

Espozende e seu Concelho

Está quasi concluida a impressão do livro cujo titulo nos serve de epigrafe.

Como a tiragem é circumscrita a um pequeno numero de exemplares já os nossos leitores podem fazer os seus pedidos para esta redacção para lhes serem reservados os exemplares que pretenderem.

Calendario

Pela Instaladora, L.da, de Viana do Castelo, foi-nos oferecido um mimoso calendario-reclame aos materiais de construção e artigos de electrecidade de que aquela casa é detentora e uma das mais bem instaladas do Norte de Portugal. Esta casa tem securaes em Caminha e Ponte do Lima e outras localidades.

Agradecemos reconhecidos a amabilidade da oferta.

Vêr 4.^a página

Carreira diária para o Porto e vice versa

Está estabelecido de acordo com a Direcção Geral dos Serviços de Viação, o seguinte horario entre esta vila e Porto e vice-versa, á carreira de camionete de passageiros dos concessionarios Loureiro, Marques & C.^a limitada, a saber:

Espozende: partida, 7,10—Fão: 7,15—Navais, ch. 7,40, p. 7,45—Povoa de Varzim 7,53, p. 8—Vila do Conde, 8,10—Moreira da Maia, 8,40—Porto, 9 horas.

Porto: partida, 18,00, tarde—Moreira, 18,20—Vila do Conde, 18,50—Povoa de Varzim, 19,00, ch., 19,05, part.—Navais, 19,15 p. 19,20—Fão, 19,45 Espozende, chegada, 19,50.

Deste horario exceptuam-se os domingos, dia de carnaval, 25 de dezembro, 1 de Janeiro e 24 de junho, não havendo carreira nesses dias.

Preços da tabela.

Recomenda-se esta carreira pela pontualidade, aceio e comodidade.

Em Lisboa

Esteve em Lisboa, ha dias, o illustre presidente do nosso municipio, sr. P.^o Manuel de Sá Pereira, onde foi tratar de assuntos concelhios, donde já regressou.

Sua Exc.^a não descança um momento em ser util e prestavel a este torrão o qual quer engrandecer á força da sua boa vontade e esforço.

Contribuições

Até 30 de Março póde reclamar-se contra erro de colecta das contribuições, mudança na matriz predial de nomes de proprietários, prédios devolutos, etc

Caixa Económica Portuguesa

Serviços de Caixa Económica Postal com Garantia do Estado

Aceitam-se depósitos e faz reembolsos em todas as Estações dos Correios:

1.05 Depósitos desde, esc. 5000; Depósitos ulteriores desde, esc. 1000.

AS TAXAS DE JUROS, DESDE 1 DE JANEIRO DE 1936, SÃO AS SEGUINTE

Até 10 contos, 3 %; De 10 a 100, 2 %; De 100 a 200; 1,5 % De 200 em diante 0,25 %.

ENCARREGA-SE DA COMPRA DE PAPEIS DE CRÉDITO E DA SUA ADMINISTRAÇÃO

Os Chefes das Estações dos Correios estão habilitados a fornecer os esclarecimentos que lhes forem solicitados.

Séde: R. Augusta, 34—Lisboa

CAMARA MUNICIPAL DE ESPOZENDE

EDITAL

N.º 4

A Comissão Administrativa da Camara Municipal de Espozende:

FAZ publico: que durante o praso de 8 dias, a contar do dia 5 do proximo mês de Março, se encontram patentes a reclamação, das 10 ás 17 horas de todos os dias uteis, na Secretaria desta Camara, onde poderão ser examinadas, as contas da receita e despesa da Camara Municipal deste concelho, da responsabilidade desta Comissão Administrativa, pela gerencia do ano economico de 1934-1935.

Para constar se afixou o presente e outros de igual teor nos lugares do costume.

Espozende e Secretaria da Camara, 29 de Fevereiro de 1936.

Eu, José Augusto d'Almeida Abreu Chefe da Secretaria da Camara o subcrevo.

O Presidente da Comissão Administrativa,

Manuel M. de Sá Pereira

CASA

Vende-se ou aluga-se no centro da vila por preço tentador.

Nesta redacção dão-se todas as informações necessárias a quem pretender.

Cimento Tejo

a marca mais conhecida e garantida por o fabrico moderno

DEPOSITARIO

CASA DE FERRAGENS VIDROS E TINTAS

BERNARDO GONÇALVES EVES

Rua Direita — ESPOZENDE

Conquistador

O melhor papel para cigarros
Vende-se na HAVANÊSA

HAVANEZA

—DE—

Ramiro d'Almeida Cabral

Praça do Municipio

Café, Pastelaria, Vinhos do Porto, Champanhes, miudesas e Papelaria.

AGENCIA DA Korting RADIO
A marca que não necessita de reclame

Deposito oficial da C.ª PORTUGUEZA DE TABACOS, FOSFOREIRA PORTUGUEZA. E SOCIEDADE NACIONAL DE FOSFOROS

Artigos Fotográficos Kodák e Agfa

Perfumaria fina e Valores selados

Tabacos nacionaes e estrangeiros. Lotarias.

LAMPADAS—LUMIAR—PHILIPS e COLONIAL

Sub-Agencia da Shell Company Of. Portugal

Gasolina, Petroleo e Oleos

Nesta casa encontrará V. Ex.ª sempre frescos os autenticos e afamados

“PASTEIS DA CLARINHA.”

Os melhores descontos aos Senhores revendedores

Vendas por junto e a retalho.

Talho “Flor da Avenida,”

Rua 4.º de Dezembro (em frente á Avenida Valentim Ribeiro)

ESPOZENDE

Fornece carnes verdes de boi, vaca, vitela, cabrito e carneiro, diariamente.

O seu gado é escrupulosamente escolhido por fornecedores entendidos.

Divisa da casa:

«Servir bem, sem olhar a quem»

O proprietario Manoel José de Carvalho.

Padaria e Biscoitaria Mecânica

DE
JOÃO LUIZ FERREIRA

RUA D. DIOGO PINHEIRO, N.ºs 1 e 3

RUA BAPJONA DE FREITAS, N.ºs 48 e 56

RUA BOM JESUS DA CRUZ, N.ºs 2 e 4

BARCELOS

Neste estabelecimento, dos mais bem montados do Norte do País, encontrará o publico á venda a especial REGUEIFA (rosca), PÃO COADO, PÃO DE MILHO, PÃO DE TRIGO E PÃO DOCE, bem assim como um variado sortido de bolachas e biscoitos, tosta doce e azeda, etc. etc.

No seu proprio interesse, ninguem compre sem confrontar a qualidade e os preços dos productos fabricados neste estabelecimento.

Farmacia COSTA

(Antiga Farmacia Central)

RUA 1.º DE DEZEMBRO — ESPOZENDE

Depois duma grande transformação reabriu ao publico esta antiga e acreditada farmacia onde se encontra grande sortido de productos quimicos e farmaceuticos

Aviamento de receituário medico, com todo o escrupulo, a qualquer hora do dia ou da noite.

Curativos e injeccões.—Preços modicos.

Preferir esta farmacia é ter a certeza de ser bem servido em preços e qualidades

Alfaiataria Miranda

—LARGO DR. FONSEGA LIMA—

Tendo feito pa-sar esta casa por uma grande transformação, e desenvolvêdo assim o seu sortido em casimiras para fatos e sobretudos de homem; casacos e vestidos para senhora, confecciona a preços sem competencia toda e qualquer obra.

Tambem, e ao alcance de todas as bolsas, acaba de pôr á venda fatos a vestir, desde 120 ESCUDOS.

GRANDES NOVIDADES

ULTIMA MODA

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA

A mais barata de todas as Farinhas e a mais recomendada pelos Medicos

A unica conhecida como mais eficaz para restaurar as forças, dar saude e especialmente para alimentação de CRIANÇAS, ADULTOS E CONVALESCENTES

A' venda em todas as Farmácias, DEPOSITO GERAL EM Drogarias e Merciarías — BELEM

Farmácia Franco, Filhos